

Vozes da comunidade: Um Relato de Experiência sobre os ODS e a Realidade das Mulheres do Morro da Kibon em São Paulo.

Alessandra Xavier Bueno

Este texto é uma “síntese-relato” de artigo acadêmico que está em análise por pares para ser publicado em periódico científico. O presente relato descreve sucintamente vivências e percepções colhidas durante um ciclo de oficinas realizado com mulheres da comunidade do Morro da Kibon, em Santo André, São Paulo. As atividades integraram o projeto de pesquisa “A Pandemia e o Pós-Pandemia da Covid-19 no alcance da Agenda 2030 em populações vulneráveis”, buscando conectar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU à realidade concreta de quem vive no território. Este texto busca narrar o encontro de saberes, as dores compartilhadas e a potência das vozes femininas que, muitas vezes, permanecem invisibilizadas nos indicadores globais.

As oficinas ocorreram no espaço da ONG Irmã Marli, um ponto de referência no bairro Maracanã em Santo André. Desde o primeiro contato, a realidade se impôs: o salão foi preenchido não apenas pelas cerca de 40 mulheres participantes, mas também por seus filhos. Crianças de colo, algumas em fase de amamentação, e pequenos menores de cinco anos circulavam entre as cadeiras. Essa presença constante revelou, de imediato, o primeiro grande desafio do cotidiano local: a ausência de uma rede de apoio ou de vagas em creches que permitam às mulheres o exercício pleno de sua cidadania ou a busca por autonomia econômica. No espírito da pedagogia freiriana, o espaço foi adaptado para acolher a todos, reconhecendo que o cuidado é uma dimensão indissociável da vida daquelas mulheres.

A estratégia para iniciar o diálogo foi o uso da literatura. Apresentamos a história e os escritos de Carolina Maria de Jesus, especificamente a obra Quarto de Despejo. O impacto foi profundo. Embora a maioria não conhecesse a autora, a identificação foi imediata. Ao ouvirem os trechos selecionados, as participantes reagiram com surpresa e com alguma melancolia ao perceberem que as dificuldades narradas por Carolina na década de 1950, como a fome, a precariedade da moradia, o estigma da favela, ainda eram espelhos fiéis de suas vidas em 2024. “Parece que ela está falando da gente hoje”, comentou uma das participantes presentes. Essa conexão literária serviu como ponte para que elas começassem a narrar suas próprias histórias.

No segundo encontro, introduzimos os ODS de forma acessível. O desafio era traduzir conceitos globais como “Erradicação da Pobreza” ou “Igualdade de Gênero” para a linguagem do dia a dia. Montamos um mural com cartazes representando cada objetivo e, a partir da leitura de novos trechos de Carolina de Jesus, as mulheres eram convidadas a associar as passagens do livro aos ODS. O que se viu foi uma construção coletiva de conhecimento. Elas colavam notas adesivas nos cartazes, relacionando a falta de saneamento básico no Morro ao ODS 6 (Água Limpa e Saneamento) e a dificuldade de conseguir atendimento médico especializado ao ODS 3 (Saúde e Bem-Estar).

A discussão sobre a pobreza (ODS 1) atravessou todos os momentos. Para elas, a falta de recursos financeiros é a raiz que alimenta todos os outros problemas. Relatos sobre a sobrevivência por meio da reciclagem e a dependência do Bolsa Família surgiram com frequência.

“A gente não tá feliz vivendo de Bolsa Família, a gente quer trabalhar”, desabafou uma participante, evidenciando o desejo de dignidade e a barreira imposta pelo preconceito do mercado de trabalho contra mães solo da periferia. O acesso aos alimentos também foi um tema sensível, com queixas sobre o preço do arroz e do feijão que tornam a segurança alimentar (ODS 2) uma meta distante.

A saúde foi outro ponto de dor compartilhada. A ausência de pediatras e ginecologistas na região obriga essas mulheres a deslocamentos longos e esperas intermináveis, muitas vezes sem sucesso. Durante a pandemia de COVID-19, essa precariedade se agravou. Elas narraram como o fechamento de escolas e o isolamento social foram medidas impossíveis de serem seguidas à risca em um contexto de moradias precárias e necessidade de garantir o sustento diário. No entanto, foi nesse mesmo período de crise que as redes de solidariedade entre vizinhas se fortaleceram, revelando uma capacidade de resistência que os dados oficiais raramente captam.

Ao final das atividades, o sentimento predominante foi o de valorização. A pergunta “Se os ODS fossem pessoas, que perguntas faríamos a eles?” gerou questionamentos provocativos sobre a distância entre as promessas internacionais e a lama na porta de casa. Mais do que aprender sobre a Agenda 2030, aquelas mulheres sentiram que suas vivências foram validadas como conhecimento legítimo. O relato de experiência no Morro da Kibon deixa claro que qualquer projeto de desenvolvimento sustentável que pretenda “não deixar ninguém para trás” precisa, obrigatoriamente, passar pela escuta atenta e pelo respeito às mulheres que, no cotidiano da favela, já são as principais agentes de cuidado e transformação de seus territórios.